

LUIS PENATO MARTINS

FAX Nº. (011) 262.89.09

Luisito,

Ai vai o texto sobre o livro de

Amilcar.

No final da manhã estarei enviando por fax o texto já digitado.

Se for possível após de manhã, antes de dar a forma final, discutir uns pontos, eu gostaria.

Estarei em casa tel-5 (264) 22 ou no escritório de casa 2678696

Abraço,

le

AMILCAR DE CASTRO

COSAC e NAIFY EDIÇÕES

TEXTO DE RODRIGO NAVES

ENSAIO DE RONALDO BRITO

FOTOGRAFIAS DE PEDRO FRANCIOSI

ORGANIZADO POR ALBERTO TASSINARI

PROJETO GRÁFICO: RODRIGO ANDRADE E FABIO HIGUEZ

VERSÃO PARA O INGLÊS: OSWALDO COSTA

A Cosac & Naify Edições lança a segunda edição do livro sobre a obra de Amílcar de Castro respeitando integralmente o conteúdo da edição anterior e apresentando uma produção gráfica extremamente cuidada que registra com nitidez a qualidade de imagem que a obra de Amílcar impõe. A impregnação da superfície pela ação do tempo – a ferrugem quase corpórea, uma quase-cor que acentua a espessura que a obra revela – surge com rara intensidade nas reproduções fotográficas do livro. Por instantes, abrindo as páginas duplas que retratam o atelier de Amílcar somos invadidos, de tal maneira, pela presença vigorosa das pequenas e maciças esculturas que nos sentimos os autores do deslocamento da parte móvel que as constitui.

O projeto editorial conduz de maneira eficaz a relação entre os textos de Rodrigo Naves – "UMA POÉTICA DO RISCO" – e de Ronaldo Brito – "SOBRE UMA ESCULTURA DE AMILCAR DE CASTRO" – e as fotografias que documentam a trajetória de Amílcar de Castro, cuidadosamente resume numa "BREVE HISTÓRIA DA OBRA" de autoria de Alberto Tassinari, organizador do livro que ainda apresenta textos de Ferreira Gullar e Helio Oiticica contextualizando a obra de Castro no momento neo-concreto.

A difícil tarefa de diagramar um livro sobre a obra do maior escultor brasileiro contemporâneo - autor do inovador projeto gráfico realizado para o Jornal do Brasil na década de 50, foi bem elaborada por Fabio Riquez e Rodrigo Andrade.

Pela estrutura fluente do projeto, mergulha-se na espacialidade da obra, apreende-se o peso maciço dos blocos de ferro, impregna-se o olhar da espessura das superfícies enferrujadas.

Uma das questões pontuais da obra de Amílcar de Castro é que, trazendo em si a raiz construtiva, ela instala um espaço peculiar no âmbito do pensamento escultórico contemporâneo. Trata-se do espaço instituído pela obra por uma atitude atirada que difere daquele instalado na obra de outros artistas neo-concretos onde a proposta de envolvimento do espectador com a obra descortina a espacialização de um universo interior, rico em suas dimensões psíquicas, refletindo a ideia do ser numa dinâmica profunda do sujeito.

Na arte brasileira, a busca de uma

articulação desta interioridade com o mundo foi se constituindo passo a passo, como no "Laminando" de Lygia Clark, 1964.

Ela ocorre, ^{na escultura de Amílcar,} de fato, "quando, e por fatalidade, o espaço se integra, criando o não previsto", como diz Amílcar o artista. Originalidade do corte e dobra na superfície da chapa esta passagem que emerge no nascimento da escultura, propõe a dimensão nitida de uma nova e possível socialidade.

Esta potência estética é comentada com brilhantismo por Naves: "Seus trabalhos admitem - e, a bem dizer, instauram - um movimento de passagem que leva sempre à concretização de espaços situados para além dos lugares magnetizados pela nossa presença. As esculturas - sobretudo as de corte e dobra - surgem de intervenções que as colocam como mediação."

Assim, apreende-se o espaço do mundo, buscando um lugar próprio dentro dele. Lugar que só a obra instala radicando esta integração - marca de uma socialidade que só se apresentava, até então, como promessa na arte contemporânea.

Isto ocorre

Não por acaso, mas porque a escultura de Amílcar - palavra inarticulada - é ~~o~~ ~~segundo~~ ele, "silêncio vivo" que nos comove, une e silencia.

Estas reflexões vem se juntar àquelas trazidas por Ronaldo Brito no ensaio sobre uma pequena escultura - um quadrado de 33cm com 7.5cm de espessura - que potencializa as inúmeras qualidades plásticas de Amílcar de Castro. Uma das maneiras de ^{ampliar} ~~aprofundar~~ a compreensão do pensamento plástico de um artista é mergulhar na análise perceptiva de uma de suas obras. Numa descrição simples trata-se de um plano tripartido ~~com~~ ~~vetizado~~ na espessura da chapa de ferro, que, pelos cortes nela realizados ~~libera~~ ^{libera} um elemento móvel.

Nesta peça há um movimento latente que sustenta a coesão da obra. A potência, que se atualizará ^{no} ~~em~~ ^{OUTROS} ~~em~~ movimentos futuros, fala tanto ou mais da força poética do trabalho do que a evidência do elemento móvel então deslocado.

A obra contém no seu raciocínio plástico a dinâmica do deslocamento, que atesta sua capacidade de imantar o espaço criando um campo ^{- ATIVADO PELA TENSÃO ENTRE PARTES} que abriga suas inúmeras configurações. ~~A tensão entre as partes ativa o campo.~~ A idéia de equilíbrio se apresenta assim sob um prisma amplo e inovador: resulta da possibilidade de conciliar o movimento do elemento e a unidade concentrada do todo.

^{Pavale la mente,}
O Conceito de tempo se apresenta de maneira singular: ^{trabalho:} ~~nesta obra:~~ mentalmente percebemos e mesmo executamos os diversos procedimentos de avançar uma parte sem perder contato com o todo. São operações virtuais que ocorrem num tempo não sequencial e atestam a simultaneidade ^{que é de fato executada e} das diversas conformações latentes contidas, naquela ~~tornada fato plástico.~~ Esta conformação ^{de tem} ~~tornada fato plástico~~ contém, no instante mesmo do seu surgimento, todas as demais possibilidades de organização anteriormente ponderadas pelo espectador.

...aquela que foi efetuada quando o fato plástico observado. Este ^{conformação de} fato plástico, no instante mesmo.....

O exercício deste arbítrio, que lhe possibilita intervir na disposição da peça sem desarticulá-la, tornando-o um quase autor da obra, encontra ressonância na fala de Amílcar:

"O homem e as coisas existem de graça. Um não existe sem o outro. Eu sou porque ela é. Ela é porque eu sou. Somos de graça. A superfície está em branco. Eu também. Se com o gesto tou, eu sou tocado".

Valores éticos e estéticos conferem a instância poética da obra deste grande escultor, o que abre para todos nós um campo de atuação social mais próximo porque forte mas pleno de harmonia.

arte contemporânea